

## Prefácio

Everardo Duarte Nunes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NUNES, ED. Prefácio. In: FERNANDES, TM. *Plantas medicinais: memória da ciência no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004, pp. 9-12. ISBN 978-85-7541-348-7. Available from SciELO Books.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Prefácio

*Na mistura, é a memória  
que dita e a história que escreve.*

Nora (1993)

Ao ler este livro, não pude deixar de fazer algumas primeiras associações, num recurso de lembrança que o tema suscita; certamente, muitos ainda se recordam de algum canteiro, no meio das flores e folhagens, onde se cultivavam plantinhas miúdas e cheirosas que os mais velhos usavam quando o nenê tinha cólicas, o vovô uma dor lombar ou a titia estava um pouco nervosa: eram a camomila, o quebra-pedra, a melissa; hoje, elas podem ser adquiridas em farmácias de manipulação; e por falar em farmácias, já não temos os solenes armários e os botijões de porcelana com delicadas pinturas que guardavam as poções e as cápsulas nas antigas farmácias; as farmácias se transformaram, na medida em que os remédios se industrializaram sendo adquiridos como mercadoria, praticamente, indistinta de outra qualquer. Contudo, não foi para falar dos aspectos botânicos ou antropológicos das plantas medicinais ou de uma visão simplificada de um cotidiano vivenciado por muitos que a autora se debruçou sobre este assunto, mas sim como se constituiu esse saber sobre as plantas medicinais no espaço científico brasileiro.

Neste trabalho está presente a capacidade da autora de acercar-se de um objeto e elaborar uma análise apoiada em documentos e entrevistas – se os primeiros fornecem o solo onde se assentam os ‘programas de pesquisa’, as segundas contam os ‘processos de trabalho científico’, e ambos tecem uma narrativa histórico-social das práticas das medicinas.

Recentemente, utilizei, para tratar do campo das ciências sociais e saúde, as idéias de Pierre Nora, que aqui repito, pois elas se aplicam integralmente a este estudo, que tem na memória e na história as suas principais referências. Segundo ele:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. (Nora, 1993)

Este mesmo autor diz que, em contraponto à atualidade do fenômeno da memória, “um elo vivido no eterno presente, a história é uma representação do passado”. Essas são as noções balizadoras deste livro que possibilita o acesso de muitos a um trabalho tão necessário para a compreensão desse elemento-símbolo da medicina – o medicamento.

Se a metodologia da história oral e documental, tão bem dominada pela autora, especialista nessas técnicas de investigação, sustenta o pólo técnico da pesquisa, não se pode deixar de citar o pólo teórico que a embasa e que nos revela como se estruturam as relações no campo científico.

Sem dúvida, dentre os inúmeros aspectos deste livro, evidencia-se aquele voltado para compreender a constituição e o desenvolvimento da comunidade científica, aqui vista como construção sociogeopolítica. O pólo teórico desta análise é iluminado pela participação das mais recentes contribuições trazidas por Bourdieu, Latour, Wolgar e Knorr-Cetina. Desses autores, a autora filtra conceitos que embasam de forma extremamente apropriada a extensa pesquisa empírica realizada, como escreve, “superando a visão estritamente mertoniana de uma ciência desinteressada e neutra”. Assim, com a noção de campo científico, de Bourdieu, que vai além da clássica noção de comunidade científica de Khun, como um espaço dinâmico de uma luta concorrencial, acrescida da pertinente contribuição trazida por Latour ao ressaltar a importância das práticas científicas em seus espaços de produção, a autora acrescenta as concepções de Knorr-Cetina, ao propor a percepção do trabalho científico “como resultado de negociações que transcendem o laboratório e variam contextualmente em situações contingentes”. Ao mesmo tempo, não aceita sem críticas algumas das propostas de Latour, por exemplo. Afasta-se da concepção que ele desenvolve de não apreensão da prática científica por meio da versão do cientista, adotando, como já foi salientado, a memória da ciência relatada pelos pesquisadores como uma das fontes do saber-fazer científico.

O livro situa, de forma irrepreensível, a pesquisa em plantas medicinais de meados do século XX até 2002 e o papel das agências financiadoras – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Central de

Medicamentos (Ceme), Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Para isso, recupera, do final dos anos 60, a realização do I Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil (1967), ponto de partida da organização do primeiro grupo de pesquisadores e que se propunha a discutir formas de institucionalização da pesquisa na Santa Casa de Misericórdia. Ao relatar a trajetória dessa institucionalização, traz preciosas informações de como se processou esse percurso até 2002, momento em que se realiza o XVII Simpósio de Plantas Medicinais, quando são encontrados cerca de 200 grupos de pesquisadores, em expressiva superioridade aos primeiros 20 núcleos dos anos 60. Em sua bem articulada exposição, a autora situa as relações do desenvolvimento das pesquisas na área de plantas medicinais e a política científica brasileira, destacando alguns projetos e programas, como o Programa Flora (CNPq, 1976-1984), Programa Ceme (1971-1997), Programas Integrados CNPq e Finep.

Dentre as conclusões importantes da análise desses programas, destaca-se o fato da não continuidade de uma política científica para a área, especialmente nos anos 80, quando se assiste a uma retração dos financiamentos, cuja parcial recuperação irá se dar em meados dessa década. A autora também aponta o distanciamento entre a prática universitária e o setor industrial, além do fato que o Estado priorizava empresas multinacionais. A constatação, feita por especialistas no estudo de medicamentos e aqui explicitada, indica que, embora o Brasil tenha se constituído nos últimos 50 anos como um dos maiores consumidores de medicamentos do mundo, não gerou conhecimento para o setor produtivo nacional. Como contraponto a esse fato, deve-se ressaltar que “apesar das limitações percebidas no setor químico farmacêutico brasileiro, como um todo, a pesquisa científica, ao menos ao que diz respeito às plantas medicinais e produtos naturais, no Brasil, pode ser caracterizada como de excelência internacionalmente reconhecida”.

Este prefácio não permite um detalhamento dos inúmeros aspectos levantados e analisados, mas a riqueza de informações associada às vozes dos entrevistados, especialistas em seus campos de pesquisas, que se estende pelo segundo capítulo e prossegue no capítulo final, fornece ao leitor a possibilidade de descortinar um panorama revelador da situação atual desse campo de conhecimento. Inclusive, a forma de análise e a apresentação dos dados quantitativos mostram detalhamentos que evidenciam como se distribuem a ciência e a tecnologia pelas diferentes regiões do Brasil. Assim, de 1972 a 2002, nos diversos Simpósios de Plantas Medicinais realizados nacionalmente,

observou-se que duas regiões tiveram precedência na apresentação de trabalhos – a Sudeste e a Nordeste – ante as demais.

A autora encerra o seu trabalho apresentando uma oportuna discussão sobre a propriedade industrial e intelectual e a lei de patentes para os produtos químico-farmacêuticos, e sobre a especial importância que têm para a pesquisa atual brasileira, a fim de que ela realmente ingresse na comunidade e no mercado internacionais.

Muitos outros debates deste livro não são aqui comentados, mas espero ter chamado a atenção para algumas facetas desse complexo tema que é atravessado pelos mais diferentes campos do conhecimento e que aqui recebe um especial tratamento, o de expô-lo a partir das experiências daqueles que muitas vezes, com enormes esforços, criam a ciência brasileira. Ao cotejar experiências vivenciadas e o contexto mais amplo, a autora situa, a nosso ver, um aspecto fundamental: o da ciência como construção social.

*Everardo Duarte Nunes*

Departamento de Medicina Preventiva e Social/Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)